SERMAM
QVE PREGOV

O P. ANTONIO VIEIRA DA COMPANHIA de IESVS na caza profeſſa da meſma Companhia em 16. de Agoſto de 1642.

NA FESTA QVE FEZ A S. ROQVE ANTONIO Tellez da Silva do Concelho de guerra de Sua Mageſtade Governador, & Capitam Geral do Eſtado do Braſil &c.

Com todas as licenças neceſſarias.

Em Lisboa, na Officina de Domingos Lopes Roſa. Anno 1642.

[V]t cum venerit, & pulsauerit, confestim aperiant ei. Lucæ cap. 12.

VERDADEIRAMENTE q̃ se algum hora prèguey sobre thema forçado, se algum hora não tiue liberdade de eleiçaõ sobre as palauras do Euangelho, foy na occasiaõ presente. Nem eu pudera tomar outro thema, que o que propuz, nem poderey seguir nelle outra exposiçaõ, que a que logo direy, [d]e S. Gregorio. O fim, & intento de todo o Euangelho [h]e querer Christo seus seruos vigilantes, & preparados [pa]ra quando lhe bater à porta. Isso vem a dizer em sum[m]a as nossas palauras: *Vt cum venerit, & pulsauerit, confestim [ap]eriant ei.* Se perguntarmos aos Doutores quando, & de [q]ue maneira bate Deus às portas de nossas almas: respon[d]e Sam Gregorio Papa no sentido mais literal, que todos [se]guem: *Pulsat cum per ægritudinis molestias esse mortem vi[ci]nam designat*: que nos bate Deus às portas d' alma por [m]eio das enfermidades do corpo. Se perguntarmos mais, [q]uando, & de que maneyra abrimos com pontualidade [a] Deus; responde o mesmo Santo Doutor, & com elle [m]uytos outros: *Cui confestim aperimus, si hunc cum amore sus[ci]pimus*: que abrimos a Deos com pontualidade, quando [o] recebemos com amor. De sorte que o bater, & o abrir [à]s portas de nossa alma consiste, em bater Deos por en[f]ermidade, & em abrirmos nòs por charidade. *Pulsat per [æ]gritudinis molestias. Aperimus si cum amore suscipimus*. Bem [di]sse eu logo, que nem pudera tomar na occasiam presen[te] outro thema, nem seguir nelle outra exposiçaõ. Cele-

Greg. hom. 13 in Euangel.

Beda com ment. in Lucam. Haymo homil. 5 in hoc Euang.

 bramos

bramos hoje as gloriosas memorias do Illustrissimo co
fessor de Christo Sam Roque, cujas portas fermosissim
d'alma se estão vendo tão batidas, & tam abertas, q
duvido qual mais quisesse fazer nellas a providen
Divina, se theatro de sua paciencia ao Ceo, se exemp
de sua charidade á terra. Encontrarãose ás portas daqu
la alma no mesmo tempo duas mãos, por fòra a de De
batendo, por dentro a de Roque abrindo, & ainda q
o amor não se conquista com golpes, quam rigoroso i
sistia Deos no bater, tão amoroso se mostrava Roque
abrir: Deos batia por enfermidades; *Pulsat per ægritudi*
molestias: Roque abria por charidade, *Aperimus si cum am*
re suscipimus. Supposta esta conformidade facil do Eva
gelho, parece que se encaminhará o nosso discurso a
Roque pella correspondencia maravilhosa, que teve s
charidade com suas enfermidades. E ainda que eu est
va mais para pedir ao Santo remedio das proprias, q
para ponderar finezas das suas; diremos em quanto p
dermos com o fauor da Divina graça. *Ave Maria.*

Vt cum venerit, & pulsaverit, confestim aperiant ei.

I.

SVPPOSTO que nos bate Deos ás portas d'a
ma por meyo das enfermidades do corpo, hũa co
za muy singular acho no glorioso sogeito de nos
oração, & he, que foy tão vigilante servo S. Roqu
em acudir ao bater de Deos, que não só acudio pont
almente quando lhe batia ás portas proprias, se não tan
bem quando batia às alheas. Là bateo hũa vez o espo
às portas da alma Santa; & com ser Santa acudio ta
pouco diligente, que quando chegou a abrir jà o espo
cansado de esperar se tinha partido: *Surrexit vt aperirem*
lecto meo; at ipse declinaverat, atque transierat. Verdadeiramen
te que se a esposa dos Cantares não representàra as a
mas de toda a Igreja, creo que deixàra Deos a alma Sa

Cant. 5.

ta, & se desposará cõ a alma de Roque. A alma Santa tal vez não acode a Deos, quando lhe bate ás portas proprias S. Roque, ou lhe bata Deos ás proprias, ou às alheas, sempre acode diligente.

E se me perguntão quando aconteceo isto a S. Roque quando acudio com esta pontualidade a hum, & outro bater de Deos? digo que sempre, em duas occasioens: ou quando lhe batia Deos ás portas proprias, por meyo de enfermidades suas, ou quando batia às portas alheas, por meyo das enfermidades dos proximos: *Pulsat per ægritudinis molestias.* Andando taõ fervorosa em hum, & outro abrir sua charidade: *Aperimus si cum amore suscipimus*; que das enfermidades alheas adoecia, & com as enfermidades proprias curava: das enfermidades alheas tirava doença para si, das enfermidades proprias tirava saude para nós. Naõ he modo de encarecer, se naõ verdade liza. Quando Sam Roque sahio de França para Italia, o exercicio, & instituto de vida que tomou, foy servir aos enfermos nos hospitaes, donde (posto que curou muytos milagrosamente) sahio com hũa grave enfermidade, que lhe deu larga materia de paciencia. Voltando para a patria, & chegandoselhe o fim ditoso de sua peregrinaçaõ, permitio o Senhor que fosse ferido de peste, de que morreo em breves dias; mas despois de morto foy achado com hũa taboa nas mãos escrita por ministerio de Anjos, na qual promettia que todos os enfermos de peste, que se encomendassem em sua intercessaõ, sarariaõ daquelle mal. Assi que das enfermidades alheas tirava doença para si, & das enfermidades proprias tirava remedio para nós. Quando serve aos enfermos, toma por premio a doença: quando morre da enfermidade, deixa em testamento a saude. Athè aqui pontualidade de acudir a Deos, athè aqui engenhoso artificio, & artificioso extremo de charidade! Adoecer com as enfermidades alheas, & curar com as enfermidades proprias. Excellencia he esta, que sò duas vezes acho escrita, hũa vez junta, outra dividida: se dividida

uidida, em S. Paulo, & em Christo: se junta, no glori oso S. Roque.

II.

VAY contando Saõ Paulo o muyto que tinha padecido em seruiço dos proximos, & diz assi aos Corinthios: *Quis infirmatur, & ego non infirmor?* Que homem ha que adoeça, que nam enferme eu tambem cõ elle? Notauel dizer! Parece que ou a charidade he hum bem contagioso, que se pèga a todos os males; ou todos os males saõ contagiosos em respeito da charidade, que se pegaõ aquem a tem; *quis infirmatur, & ego non infirmor?* Mas como pode ser (vamos á razão) como pode ser que adoecesse Sam Paulo das enfermidades alheas, & que sen tindo cada hum as suas, Paulo padecesse as de todos? Lá os outros enfermauam, & cá Paulo adoecia! como pode isto ser? Na charidade do Apostolo temos a soluçam da duuida. Como a charidade essencialmente he vniam, & vniaõ perfeitissima, de tal maneira vne os proximos entre si, que se eu tenho charidade, cada proximo he outro eu: *vt sint vnum sicut nos vnum sumus*; & como por estes laços sobrenaturaes, os homens se vnem entre si, & se identificaõ reciprocamente; daqui vem que pode, antes deue cada hum adoecer das enfermidades do outro porque necessariamente hão de ser os accidentes communs onde o sogeito he o mesmo. Por isso Sam Paulo (& o mesmo digo de Sam Roque) adoecia das enfermidades alheas, & sentindo cada hum as suas, elle padecia as de todos; tudo por beneficio de súa charidade. Adoecia das enfermidades alheas, porque a vnião reciproca do amor as fazia proprias; & sentindo cada hum o seu mal, elle padecia o de todos, porque sendo hum só por natureza, era todos por charidade. *Quem admodum si vniuersa orbis ecclesia esset sic in vnoquoque membro discruciabatur*, diz S. Ioaõ Chrisostomo. Adoecia em todos por sentimento, porque viuia em todos por amor: *quis infirmatur, & ego non infirmor?*

2. ad Corinth. 11.

Ioan. 17

Chrisost. hom. 25 in 2. ad Corinth

Donde a mi me parece podemos dizer por hũa certa analogia

analogia que o que lhe faltou a Deos em quanto cauſa primeira por perfeiçaõ de ſua ſimplicidade, ſupprio Sam Paulo, & Sam Roque por perfeiçaõ de ſua charidade. Deos noſſo Senhor (como enſinão os Theologos) he primeira cauſa actiua, mas não he primeira cauſa paſſiua. He primeira cauſa actiua, porque por ſua immenſidade, & omnipotencia obra com todos os que obrão, concorrendo juntamente com elles: & não he primeira cauſa paſſiua; porque por ſua ſimplicidade, & immutabilidade não pode padecer em ſi, nem receber accidentes extranhos. De maneira que obra Deos com todos os que obrão, mas naõ padece com os que padecem. Pois eſta generalidade, & extenſaõ, que não tem Deos em quanto cauſa primeira por perfeiçaõ de ſua ſimplicidade, eſta ſupprio Sam Roque com Sam Paulo por perfeição de ſua charidade. Deos, como primeira cauſa actiua, obra com todos os que obrão: Roque como primeira cauſa paſſiua, padece com todos os que padecem; & aſſi como he brazão da Omnipotencia Diuina, que ninguem pode obrar ſem Deos, *Sine me nihil poteſtis facere*; aſſi he brazão da charidade de Roque, que ninguem pode padecer ſem elle. *Quis infirmatur, & ego non infirmor?*

D. Tho. in 1. p. q. 44.

Suar. in meth. diſp. 22. ſect. 1.

Ioan. 15

III.

ESTE ſois, diuino Roque: eſte ao mundo todo, por beneficios, & eſte aos Religioſos deſta caſa por imitaçam; que pouco fora recebellos debaixo de voſſo patrocinio, ſe lhe nam communicáreis juntamente as glorioſas participaçoens de voſſo feruorozo eſpiritu. Verdadeiramente que quando conſidero (ſejame [?] licito, ao menos pellos priuilegios de eſtranho, dizer o que venero, & o que admiro) quando conſidero a verdade com que pode dizer a caſa de Saõ Roque: *Quis infirmatur & ego non infirmor?* Que enfermidades, que males, q̃ trabalhos ha em Lisboa, que a charidade deſta caſa não participe? Nos hoſpitaes, nos carceres, nas afflicçoens, & ſentimentos particulares, que ſempre ſaõ mais que os pu-

 blicos

blicos quem os padece neste grande povo, que não reparta sua paciencia com a charidade dos Religiosos desta caza? Que enfermo que os naõ tenha à cabeceyra? que preso que os não ache à grade? que condenado q̃ os naõ leve consigo ao lugar do supplicio? finalmente que necessidade spiritual, ou temporal que naõ venha buscar aqui, ou o remedio, ou o alivio, ou a companhia? Quando tudo isto considero, me persuado que deve este graça a Companhia ao glorioso padroeyro desta casa, & q̃ a gozaõ os Religiosos della, mais por padres de S. Roque, que por filhos de S. Ignacio. Lá quando aquelles Anjos peregrinos se agazalhárão em caza de Abrahaõ, louva muyto Lypomano a charidade, comque Sara, & Ismael os serviaõ, mas naõ reconhece nelles esta virtude pello que tinhaõ de parentes senaõ pello que tinhaõ de domesticos de Abrahaõ. *Vxor accelerat, puer festinat: nullus piger est in domo sapientis.* De maneira que era filho Ismael de Abrahaõ, mas aquella diligencia, & charidade não resplandecia nelle, porque nascera de seu sangue, se naõ porque vivia em sua casa: era filho diligente, & charitativo, mas não era diligente charitativo por filho, senaõ por domestico, *Nullus piger est in domo sapientis*. Algũa razaõ tenho eu logo para dizer, que devẽm os Religiosos desta casa os fervores de sua charidade a Sam Roque mais, que a S. Ignacio; porque de S. Ignacio saõ filhos, mas de Sam Roque domesticos. Não saõ isto privilegios da filhaçaõ, saõ proveitos da moradia: no instituto, saõ obrigaçoens da vida que professamos, no exercicio, saõ influencias da casa em que vivemos.

Gen. 19

Lypom. in caten. hic.

Nem eu cuydo que se poderá aggravar meu Padre S. Ignacio de eu o considerar assi, porque estas graças, ou estas glorias todas tornão a demandar a fonte d'onde manaraõ, & S. Roque tambem foy filho de S. Ignacio. Naõ digo isto por querer imitar a devaçaõ, com que algũas Religioens perfilharão os Sanctos alheos, porque estes piadosos latrocinios soo se podem dissimular (posto que não

encu-

encubrir) na confusaõ das antiguidades, & a nossa religião he taõ pouco antigua, que mais se conhece de vista, que de memoria. O que digo, & o que entendo, he que S. Roque foy professo da Companhia em spirito, & filho de Santo Ignacio em Prophecia. A forma de vida, que por morte de seus pays tomou S. Roque, foy esta; renuncia seus estados, que era senhor de Mompelher, reparte com os pobres suas riquezas, parte a Italia; & alli, como dissemos, applicase a servir aos enfermos, tratando do remedio de seus males, como se foraõ proprios. Pois, glorioso Roque, Francez Divino, q̃ impetu de spiritu he este vosso? que trocados de vida saõ estes tão contrapostos? aqui renunciais os bens proprios? alli tomais à vossa conta os males alheos? Si: que isto he ser professo da Companhia. O instituto da Companhia professa, consiste em renunciar os bens proprios, & fazer proprios os males alheos. Cõsiste em renunciar os bens proprios, porque nenhũa casa professa da Companhia póde ter propriedade algũa, nem ainda para o culto Divino, de que he taõ zelosa; & consiste em fazer proprios os males alheos, porque esse he o voto, & obrigaçaõ dos professos, acudir aos males communs, & dos proximos como se foraõ proprios, & particulares. Este he o instituto da Companhia professa, & esta a vida, que professou S. Roque, seguindo em prophecia os exemplares de seu, & nosso P. S. Ignacio; & para q̃ naõ cuyde alguem que preverto a ordem dos tempos, & chamo exemplares ao que devèra chamar imitaçoens, fiarmeha o pensamento S. Isidoro Pelusiota, que ainda em mais anticipada acçaõ o considerou assi.

Considera S. Isidoro Pelusiota o amor, & resoluçaõ cõ que Rebecca para grangear a bençaõ a Iacob se expoz ao perigo da maldiçaõ que elle temia, & diz desta maneira. *Rebecca Apostolica animi magnitudine prædita*: verdadeyramente Rebecca com grandeza de animo Apostolico: notay; Rebecca foy antes da vinda de Christo mais de dous mil annos, & ja então diz S. Isidoro que seguia as pisa-

Gen. 27

Isid. Pelusiot. li. 2. epist. 58.

pisadas dos Apostolos, & que copiava em anticipadas imitaçoens os futuros exemplares de seu spiritu. E isto como, ou em que? Advertidamente o Pelusiota. *Vt ipsius filius benedictionem consequeretur bonis quidem ipse cedebat, mala autem ipsa sola sufferre parata erat.* Consistia esta imitaçaõ do spiritu Apostolico em que Rebecca para negociar a bençaõ a Iacob renunciava nelle todos os bens, & tomava para si todos os males: *bonis quidem ipsi cedebat, mala autem ipsa sola sufferre parata erat.* Esta he a summa de perfeiçaõ, & profissaõ Apostolica, fazer alheos os bens proprios, & fazer proprios os males alheos. E se porque o fez assi Rebeca diz S. Isidoro que imitou em a prophecia o spirito dos primeiros Apostolos; que muyto que fazendo o mesmo, S. Roque, diga eu tambem que imitou em prophecia o fundador dos Apostolos segundos? Mas seja embora como a devação de cada hum o quizer considerar, o certo he que de Sam Roque mais immediatamente se deriva aos Religiosos desta casa aquelle fervoroso spiritu de charidade, com que despois de alienarem de si todos os bens proprios, se apropriaõ tão intimamente dos males dos proximos, que puderão bem dizer, se o não callàra sua modestia, com o Apostolo: *Quis infiamatur, & ego non infirmor?*

Assi dizia Sam Paulo, & melhor que assi o pode dizer S. Roque: porque ainda q̃ S. Paulo diga a boca chea, que adoecia de enfermidades alheas: *Quis infirmatur, & ego non infirmor?* he certo, & todos os Doutores o interpretão assi, que só odoecia spiritualmente por sentimento, & não corporalmente por enfermidade. Porem o zelo, sem exẽplar, de Roque, de tal maneyra o entranhava nos males dos proximos, que não só odoecia na alma por sentimento compassivo, senão que chegou a adoecer no corpo, como vimos, por enfermidade verdadeyra; vencendo nesta circunstancia de charidade a mesma charidade de S. Paulo. Dizia de si o Propheta Rey, *Tabescere me fecit zelus meus, idest charitas mea.* o meu zelo, a minha charidade

Ps. 118

me

me faz andar palido,andar enfermo,andar tifico, andar mirrado.Pois como?se o zelo charitativo he hũa virtude q̃ está na alma,como adoecia de zelo David,& se ẽtificava no corpo? *zelo corpore tabescit?* Glosa aqui a Interlineal. A razão deste excesso he porque os affectos de nossa alma se saõ extremadamente intensos ateãose pella visinhança ao corpo,chegando o corpo a padecer por enfermidade o que a alma padece por sentimento. O calor naturalmente dilata;& como a charidade de hum affecto ardente,chega tal vez a dilatarse tanto, que não cabendo na estreyteza onde nasceo, ou rebenta o coração,& morrestes:ou se communica ao corpo, & enfermastes: *Tabescere me fecit charitas mea.* Tal foy a charidade de Roque,não chegando a ser tal a charidade de Paulo, para q̃ se veja quoaõ vigilante servo se mostrou em abrir a Deos quando lhe batia às portas alheas por meyo das enfermidades dos proximos. *Vt cum venerit, & pulsaverit: pulsat per ægritudinis molestias. Confestim aperiant ei: aperimus si cum amore suscipimus.*

Interl. hic.

IIII.

EAmor que era tão Argos em acudir a Deos quando batia ás portas de outros,ja se vè quoaõ vigilante seria em abrir quando lhe batesseás suas. Andou taõ engenhosa tambem aqui a charidade de Sam Roque,que se là em emulaçaõ de S. Paulo soube adoecer com as ẽfermidades alheas,cà ẽ imitaçaõ de Christo soube curar com as enfermidades proprias. Fazer das enfermidades proprias medicina,he privilegio soberano q̃ só em Christo Senhor nosso se acha,de quem diz o Propheta Isaias, *livore eius sanati sumus.* que suas enfermidades,ou dores foraõ nossa saude. Com menos facilidade, mas com mais galantaria o disse o Evangelista S. Matheus & he hum dos textos de sua historia, que reconhescem os intepretes por mais difficultoso. Sárou Christo em Capharnaũ grande multidaõ de doentes de diversas enfermidades,& referindo S. Matheus este milagre, diz assi. *Omnes male habẽtes curavit,ut adimpleretur quod dictum est*

Isa. 64

per Isaiam prophetam dicentem, ipse infirmitates nostras accepit, & ægrotationes nostras portavit. Curou Christo todos os enfermos, que lhe apresentáraõ diz S. Matheus, & aqui se comprio o que disse o Profeta Isaias, que tomaria Christo em sy nossas penas, & padeçeria nossas enfermidades: Notavel allegar de profecias por certo? Se Christo estava curando enfermos, & a profecia diz que havia de padecer nossas infirmidades, como se comprio neste caso a profecia? Padecer enfermidades, & curar enfermos, he a mesma cousa? Em Christo sy; a mesma cousa he ẽ Christo padecer enfermidades que curar enfermos, porque a paciencia de suas dores foy o remedio, & medicina das nossas: *livore eius sanati sumus.* Por isso o Evangelisto quando vio a Christo milagrosamente medico, logo o considerou infallivelmente enfermo, porque aquelles efeitos de curar eram certezas de adoecer. Onde a infirmidade era medicina não podia ter saude quem a dava. *Ei defuit sanitas ne nobis deesset:* disse com propriedade o Oleastro,

Ità Sanches sup Is. cum- pultij.

Oleast. in Isa. hic.

Tal o grande imitador da charidade de Christo S. Roque; que do sofrimento de suas enfermidades fez mereçimento de nossa saude, & morreo ferido de peste sem remedio, para q̃ tivesẽ remedio os feridos de peste. Quem visse estar morrẽdo do mal de peste a Roque, & o tivesse visto curar milagrosamẽte a tantos do mesmo mal, parece q̃ podèra dizer ao Santo por admiraçaõ o q̃ no calvario disseraõ a Christo por afronta. *Alios salvos fecit se ipsum non potest salvum facere:* pode salvar aos outros, & asy não se pode salvar. Pois se sárou de peste a tãtos, porq̃ se não cura tambem a sy? Sabeis porque? Nào se curou S. Roque a sy, porque quiz que sárassemos nó: *Ei defuit sanitas nè nobis deesset.* Offereceo a Deus sua enfermidade por nossa saude, sua vida por nossa morte: adoeceo para que sárassemos, morreo para que vivessos: & ainda que tinha virtude milagrosa para curar de peste, não quiz empregar esta graça em sua vida, para poder testar della na morte. Assi o diziaõ as taboas de seu testamento. Ha mais fino

Mat. 27

fino amor do proximo?ha mais perfeita, ha mais divina charidade q esta? Iulgoa por tam divina, que não foraõ menos q demonstraçoens de divindade em Christo, os que foraõ effeitos de charidade em Roque.

Estava S. Thome incredulo da resurreição com os outros discipulos ẽtra Christo cõ as portas cerradas, abre as das mãos, & do lado, chega Thomè, & apenas tinha visto, ou tocado as chagas, quando cae aos pès do Senhor dizendo: *Dominus meus, & Deus meus*: reconheço Senhor que sois o meu senhor, & creyo que sois meu Deus. Mais crè Thomè doque duuida: porque só duvidava de hum homem resucitado, & reconhèce o mais por Deũs verdadeiro. Pois, discipulo incredulo, ategora não crieis taõ obstinado, como ja credes tão resoluto? E se nunqua reconhecestes em vosso mestre mais q a humanidade, como o confessais por Deus tam subitamente? q he o que vistes nelle? que he o que descobristes de novo? Vi (diz Thomé) que deixou este senhor as mãos, & lado aberto para render minha incredulidade; & quem naõ fecha as suas chagas, para ter com que curar as minhas, he mais, q homem, he Deus: *Dominus meus, & Deus meus: Novo genere vestigia vulnerum divinitati perhibent testimonium*: Exclama Santo Agostinho: cousa nova, & prodigiosa, que chagas de hum corpo humano sejaõ testimunho de natureza divina. Mas que menos se pode arguir, que divindade, em quem deixa abertas as chagas proprias para ter com que curar as alheas? *Voluit exhibere in illa carne cicatrices vulnerum ut vulnera sanaret incredulitatis*: diz o mesmo S. Agostinho. Estes pois que foraõ argumentos de divindade ẽ Christo, foraõ effeitos de charidade em Roque; o qual podendo sarar do mal, de que estava ferido, não quiz fechar suas chagas, para ter com que curar as nossas, & renunciando, com mayor milagre, os milagrosos privilegios de sua virtude, quiz morrer indefenso a mãos da peste, para que a peste morresse a suas mãos. Assi abria Roque por charidade, quando assi batia Deos por enfermidades

Ioan. 20.

Hoc sententit interprete & Theologi.

S. Aug. ser. 156 de tẽpore.

Serm. 147. de tempore

dades

dades. *Pulsat per ægritudinis molestias, aperimus si cum amore suscipimus.*

V.

A maõs de Roque morreo, & morre a peste, ou reconhecende a virtudo, ou obedecendo à violencia de sua intercessaõ; onde eu noto, quam bem se corresponde aqui o premio, & o merecimento, porque este segundo curar foy premio daquelle primeiro adoecer. Sobre o *Præcinget se: & sint lumbi vestri præcincti* do Evangelho, notou com agudeza S. P. Chrysologo que paga Deos na mesma moeda os serviços, que lhe fazem os homens. Cingivos para me servir a mi, diz Christo, que eu me cingirey (quem naõ assombra!) para vos servir a vós. E como a liberalidade de Deos he taõ pontual nas correspondencias: com que mais igualmente se havia de premiar hum bem contagioso, que com dominar males contagiosos? Là dissemos ao principio que a charidade de S. Roque em emulaçaõ de S. Paulo era hum bem contagioso, que se pegava aos males, pois em pago de hũa virtude, que he bem contagioso, dese a Sam Roque virtude de curar males contagiosos. Algũa cousa disto temos em Ioseph.

Chrysol ser. 23.

Amava sua senhora a Ioseph taõ perdidamente como sabemos; passou a affeiçaõ a locura, passaraõ as significaçoẽs a violencias: deixoulhe em fim o casto moço a capa nas maõs, & daqui se trocou aquelle excessivo amor em taes excessos de aborrecimento, que dos laços dezejados se forjaraõ prizoens executivas, & foy posto em ferros Ioseph. Pois, Egypcia infiel, que mudança he este tam repentina? Pouco ha tanto amor, & agora tanto aborrecimento? Se querias conquistar a vontade de Ioseph; principio foy de victoria, ficar com os despojos nas maõs. Pois porq naõ continua teu amor a empresa? porque aborreces tanto, a quem amavas ha taõ pouco? Quereis ouvir com admiraçaõ, porque? Porque lhe ficou nas mãos a capa de Ioseph. Assi como se

pegão

pègão as enfermidades, tambem se pèga a saude. Se bastaõ os vestidos de hum enfermo para se pegarem os achaques do corpo, tambem bastão os vestidos de hum Santo para se pegarem os affectos d' alma. Qual cuydais que foy o principio da conversaõ de Sam Paulo? Altamente o penetrou o juizo de Bernardo. Entre os que apedrejavão a S. Estevão andava tambem Sam Paulo antes de convertido, o qual foy tam venturoso que lhe coube a sua conta guardar as vestiduras do martyr. *Deposuerunt vestimenta sua secus pedes adolescentis, qui vocabatur Saulus.* E que se seguio dahi? Seguiose, diz S. Bernardo, que pello toque daquellas roupas, começou Deos a lhe tocar na alma; & dos vestidos de Estevaõ a quem apedrejava, se lhe pegou a mesma feè, porque Estevão morria. *Deponuntur vestimenta martyris ad pedes persecutoris, qui ad tactum sacrarum vestium fuerat convertendus.* Com particular providencia do Ceo se entregáraõ ao perseguidor os vestidos do martyr, para que tocandoos se lhe pegasse a fé, & viesse a seguir, como veyo, a ley que persegu[i]a. *Qui ad tactum sacrarum vestium fuerat convertendus.* Assi se converteo Saulo em Paulo, & assi se trocou o amor da Egypcia em aborrecimento. Ficou a Egypcia com a capa de Ioseph nas mãos: *Relicto in manus eius pallio fugit;* & como pellos vestidos dos Sanctos, se pegaõ as inclinaçoens, & affectos d'alma, aborreceo logo a Egypcia a Ioseph, porque Ioseph aborrecia a Egypcia. Communicouselhe o aborrecimento ao coração pello tacto, & pegouselhe a desafeiçaõ de Ioseph, soo porque pegou em suas roupas sagradas; *Ad tactum sacrarum vestium.*

Sic intelligit. Bern. Petrus. Damian & alij.

Bern. serm. de S. Steph.

Mas d' onde mereceo Ioseph (ainda não fechamos o pensamento) d' onde mereceo Ioseph que se lhe concedesse ja então o que foy privilegio singular do prothomartyr, & que ao toque santamente contagioso de suas roupas se produzissem taõ maravilhosos effeitos? Se hey de dizer o que entendo, acho que nesta mes-

ma

ma acção teve Ioſeph o merecimento, & o premio. E ſe naõ, pergunto, porque deixou Ioſeph a capa nas mãos da Egypcia? Deixar em poder de ſeu enemigo hũa teſtimunha falſa contra ſua inocencia, mais he temeridade, que confiança. Pois porque não faz força para trazer a capa conſigo, porque não reſiſte, porque a larga das maõs? Venturoſamente ao intento Santo Ambroſio *Contagium iudicavit ſi diutius moraretur, ne per manus adulteræ libidinis incentiva tranſirent, itaque veſtem exuit.* Largou Ioſeph a capa nas mãos de Egypcia porq julgou que era mal contagioſo ſeu torpe amor, & não quiz que pellas roupas ſe lhe pegaſſe a peſte. *Contagium iudicavit; itaque veſtem exuit.* Ah ſy! E Ioſeph tem por mal contagioſo o amor da Egypcia; pois ſeja bem contagioſo o deſamor de Ioſeph. Vos tendes por mal contagioſo ſua impureza; pois ſeja bem contagioſo voſſa caſtidade. De ſorte que juntamente naquella capa havia hum mal, & hum bem, ambos contagioſos: o torpe amor da Egypcia de cujo contagio fugio Ioſeph, & o caſto deſamor de Ioſeph, cujo contagio em parte ſe pegou à Egycia. Pois aſſi como Deos concedeo a Ioſeph que foſſe bem contagioſo ſua virtude, porque teve por mal contagioſo o vicio alheo; aſſi concedeo a S. Roque que ſáraſſe de males contagioſos ſua interceſſaõ, porque fora bem contagioſo ſua charidade. Foy a charidade de Sam Roque hum bẽ taõ contagioſo, q ſe lhe pegavão os males & doenças de todos: *Quis infirmatur, & ego non infirmor?* Pois ſeja digno premio deſta contagioſa virtude que todos os males ſe rendão a ſeu imperio, & que não haja contagiaõ, nem peſte no mundo, onde chegar a interceſſaõ, & nome de Roque.

Ambr. lib. de Ioſeph cap. 17.

VI.

ESTES ſaõ os merecidos prodigios de voſſa charidade, glorioſo, & poderoſo Santo; & pois como divino avogado da peſte exercitais tam obedecido dominio ſobre todos os males contagioſos hũa

hũa petiçaõ vos quero fazer, que ferà a materia defta fegunda parte, fio que vos não feja menos agradavel, que a primeira, porque os animos dezejofos de fazer bem mais os lifongea quem lhes pede, que quem os louva. A petiçaõ que faço, & a merce que vos peço, divino Roque, he que livreis o noffo Reyno de duas peftes muy perigofas, que não fey fe vaõ ja corrompendo o faudavel clima de feus ares. Saõ confequencias da guerra eftas tam certas, como danofas: *Surget gens in gentem, & regnum adverfus regnum, & erunt peftilentiæ.* Alguns haverà que feguindo a refoluçaõ de David dezejariaõ antes remedio para a guerra que para a pefte, mas eu pella mefma rezaõ temo mais os rebates da pefte, que os rebates da guerra. Poz Deos a David em fua eleiçaõ que de dous, ou tres males, que lhe ameaçava, efcolheffe livremente o que mais quizeffe: & com fer taõ grande foldado David, quiz antes pefte que guerra A razaõ deu o mefmo Rey, como aponta o texto. *Quia melius eft, ut incidam in manus Domini, quam in manus hominum* Porque a guerra eftava nas maõs dos homens, & a pefte nas maõs de Deus; fempre faõ menores os males, que fe difpenfaõ pella maõ de Deos, que os que fe executaõ pella maõ dos homens. Por efta razaõ temeo mais David a guerra, que a pefte, & pella mefma temo eu mais a pefte que a guerra; porque fe lâ a guerra eftava nas maõs dos homens, & a pefte nas maõs de Deus: cà a guerra eftà nas maõs de Deus, & a pefte nas mãos dos homens. A guerra eftá nas mãos de Deos, porque Deus a tomou á fua conta, & nos da tão milagrozos fucceffos como cada dia vemos: a pefte eftá nas mãos dos homens, porque os homens fam os que encontrão (nam fallo das tentaçoens, fe não dos effeitos) ou aõ menos defajudão o bem da patria.

Mat. 24

S. Sebastião

2. Reg. 24.

Ora eu me puz a confiderar como chamaria a eftas duas peftes, que digo de Portugal; & por lhe não fazer as deffiniçoens compridas, deffinias affi. Pouca fee,

C &. Muy-

& Muyta fee. Pouca fee, isto he, pouca fidelidade: Muyta fee, isto he muyta confiança. Muyto confiados, & pouco confidentes saõ em Portugal os feridos da peste, de que Deus nos livre. Máo he que tenhamos occasiaõ de dizer isto entre Portuguezes, mas pior fora se se naõ estranhàra. Cuydo que o mostrarey de maneira, que ao menos, se naõ persuadir o remedio, hey de justificar o queixume. Que esteja apestado de pouca fee Portugal, o pouo o diz commummente, & cuyda, que o prova; mas ainda que a authoridade do povo he taõ grande, que ella só bastou para canonizar a Sam Roque: julgue Deos os coraçoens de cada hum, que eu soo das maõs quero fazer juizo. Argumento assi. He certo que nas Cortes passadas se prometteram subsidios para a guerra quantos fossem necessarios á conservaçaõ do Reyno. Tambem he certo que se intentaram donativos, que se multiplicaram tributos, que se introduziram decimas, que se accrescentou a moeda o cunho, & o preço; & com tudo vemos que he necessario repetir Cortes para arbitrar novos modos de tirar dinheiro effectivo, porque cada hum guarda o seu, & ha muy poucos que paguem o que lhes toca. Os muyto poderosos por privilegio, os pouco poderosos por impossibilidade, cada hum trata de lançar a carga aos hombros do outro, & tal vez caè no chaõ porque naõ ha quem a sustente. He isto assi? ainda mal. Bem digo eu logo, que ha pouca fee em Portugal. Fé taõ apertada de mãos, não he verdadeira fé.

Sic, S. Antoni de Padua ser. mon. in hoc Evãgel.

Diz Christo no nosso Evangelho: *Lucernæ ardentes in manibus vestris*: Que tenhamos tochas accesas nas mãos. Supposto que o lume destas tochas significa o lume da fee; porque diz Christo que o tenhamos nas mãos: *In manibus vestris*? Os actos da fee, no entendimento se produzem, no entendimento se recebem; pois se a fee está no entendimento, como a poem Christo agora nas mãos: *Lucernæ ardentes in manibus vestris*?

H ũa

Hũa razão muy verdadeira he, porque a fee practica, que Christo aqui ensinava, não consiste tanto em verdades do entendimento, quanto em liberalidade das mãos. Não he mais fiel quem melhor discorre, se nam quem concorre melhor. Por isso nos representa Christo a fee em figura de tochas; porque a tocha se está accesa, gastase, & se não se gasta, está apagada. O quantas tochas, que pudèram luzir gloriosas, se vem nesta occasiam apagadas miseravelmente! *Lucernæ ardentes in manibus vestris*: Portuguezes; se a fee he tam ardente como deve ser, vejase luzir nas mãos. Apertarense as mãos, he sinal de frieza, & que não arde fogo no coraçam. Amavam muyto os Magos, & criam verdadeyramente naquelle Rey que acclamàram em Ierusalem, & como sabios, vede a protestaçam que fizeram de sua fee. *Procidentes adoraverunt, & apertis thesauris suis, obtulerunt.* Postrados por terra adoráram, & abrindo seus thesouros offereceraõ. Sam Leam Papa. *Quod cordibus credunt, muneribus protestantur.* Na liberalidade com que davam, protestaram a verdade com que criam; & porque ahi costuma estar o coraçam onde està o thesouro, fizeram os seus thesouros interpretes de seus coraçoens. *Quod cordibus credunt, muneribus protestantur.* Se vissemos que entravam os Magos em o presepio, & que vendo naquelle estado a seu Rey, lhe nam faziam serviço de suas riquezas; que diriamos? Diriamos com muyta razam que nam criam nelle verdadeiramente, & que aquellas cortezias foram enganosas, & aquellas adoraçoens fingidas. Adorar, & não offerecer, quando o Principe está em necessidade) dobrar os juelhos & nam abrir os thesouros, nam he vicio de avareza, he crime de infidelidade. Fee, & liberalidade saõ virtudes synonimas, & quem está duvidoso no dar, não està firme no crer. O que os Magos offerecerão a Christo foy Ouro, Incenso, & Mirrha; & dizem todos os Padres, & com elles conformemente a Igreja, que no ouro confessa-

Matt. 2.

Leo ser. 3. de Epiphan.

Vtraq. Gloss.

confessaram que era Rey: no incenso, que era Deus: na myrrha que era homem. *Auro Regem, thure Deum, myrrha mortalem.* Oh grande confirmaçam do que dizemos! De sorte que interpretaram os Magos a fé pella liberalidade & para confessarem tres artigos offerecerão tres donativos. *Auro Regem, thure Deum, myrrha mortalem.*

Remig. Hilar. Ambr. August. Hier. Greg.

Pois se a fee se explica pella liberalidade, se o dar he synonomo do crer, se a obediencia dos Reys se protesta com ouro nas mãos, *Auro Regem*; como não temerey eu que ha rebates de peste, ou sospeitas de pouca fee em Portugal, quando a liberalidade se perverteo em cubiça, & em vez de se pagarem tributos, pode ser que se multipliquem latrocinios? He bom genero de fee esta? Eu o direi. Perguntáram os ministros reaes a Sam Pedro se havia seu mestre de pagar o tributo a Cesar, & respondendo que si, mandou Christo a Pedro que fosse pescar, que na boca do primeiro peixe acharia a moeda que se pedia. *Et da eis pro me & te*: & pagai, Pedro por mi, & por vós. Notay. Christo era Senhor do mundo, Sam Pedro era Principe da Igreja, & com tudo diz o Senhor, pagai por mi, & por vós, *da eis pro me, & te*, porque os tributos dos Reys, principalmente em tempo de neccessidades grandes, tambem os grandes, & senhores he bem que os paguem. Nos bens, & males communs ninguem he priviligiado: sintam todos o mal que toca a todos. Mas não era isto o que eu queria ponderar. O em que muyto reparo he em mandar a providencia de Christo, que Sam Pedro pagasse o tributo. Pagar o tributo parece que tocava por razam de officio ao Apostolo, que tinha o dinheyro; pois se Iudas era o thesoureyro, ou procurador, se Iudas era o que tinha a bolsa do Collegio Apostolico, porque não manda Christo pagar o tributo a Iudas? Direy o porque? Porque quem tinha animo para vender a seu Senhor, não tinha sitio para pagar o tributo. Nam pagou o tributo Iudas, porque os Iudas não pagam tributos. Ve-

Matt. 17.

jale

jaſe agora ſe ha ſoſpeitas de pouca fé, ſe ha feridos de infidelidade em Portugal.

Glorioſo Santo, eſta he a primeira peſte de que vos peço nos livreis eſte Reyno; & ſe não fora por temor de algũa irregularidade, não ſey ſe vos pedira tambem, que a curaſſeis como a curou Sam Pedro. Defraudou Ananias a parte do preço, que devia por todo aos pès dos Apoſtolos, como agora fazem alguns que pagam a decima, mas decimada: mandao vir diante de ſi Sam Pedro, julga o crime ſummariamente, notificalhe a ſentença em tres palavras, & foram tam rigoroſas, & executivas, que no meſmo ponto com aſſombro, & tremor dos circunſtantes cahio morto aos ſeus pees Ananias Tanto rigor em hum diſcipulo de Chriſto, na piedade de hum Apoſtolo, nas entranhas d' hum Sam Pedro & por hũa culpa ao parecer nam tam pezada? Si, diz Santo Ambroſio, & dà a razão. *Tanta erat infectus avaritiæ peſtilentia ut Sanctus eum Petrus, non tam emendare voluerit quam damnare.* Deu ſentença de morte repentina Sam Pedro a Ananias por defraudador ſomente do preco prometido; porque como eſtava inficionado com a peſte da avareza, & podia inficionar, & apeſtar a outros, teve por melhor tirarlhe a vida, que eſperarlhe com perigo a emenda. Com eſte rigoroſo remedio ſe curou ja algũa infidelidade em Portugal, exemplo que he bem ande nas memorias ſempre vivo; mas aos fielmente Portuguezes báſtevos o do glorioſo Sam Roque para que aſſi como elle deu eſtado, riquezas, & quanto poſſuhia pella patriá do Ceo, demos nós tambem com apoſtada reſoluçam quanto temos pella defenſam da noſſa. Ainda ha comendas, ainda ha rendas, ainda ha joyas, ainda ha coches, ainda ha galas, & regalos, & em quanto houver ſangue nas veas, haverá muyto que dar. Deeſe tudo pella patria, que nella fica; aſſi como deu Sam Roque tudo para nella o achar. E ſe o

Act. 5.

Ambr. ſer. 13. de Sanctis.

exemplo

exemplo de Sam Roque,por alto,nos desmaya, & ha olhos fracos,que cegam com tanta luz; abaxemos hum pouco a vista, & veremos retratada aos pés do Santo hũa acçaõ irracional,mas generosa, que quanto mais falta do vso da razão, estranha, & reprehende mais justamente as sem razoens da infidelidade humana. Todos os authores antiguos fizeram ao cam symbolo da fidelidade,& quando esta nobreza não fora tam antigua naquelle animal,o de S.Roque pudera ganhar este titulo para toda a sua especie. Estava S.Roque no campo deitado ao pè de hũa arvore pobre,desconhecido,solitario,enfermo & no meyo deste desemparo tinha hum cam que levando todos os dias hum paõ na boca sem comer delle bocado,o sustentava.Isto sy q́ he ser leal; isto si que he ser exemplo da verdadeira fidelidade. Chegar a tirar o paõ da boca para sustentar com elle a seu Senhor. Lastima he que carecesse tal generosidade de vzo de rezam, quando vemos tantas almas racionaes tam mal empregadas em sojeitos de menos honrados procedimentos.

Pierius.

VII.

A Segunda peste (muyto me detive na passada; será esta a peste pequena) A segunda peste, deffinese, Muyta fee, ou muyta confiança, & deste mal està inficionada muyta gente, que se chamão os demaziadamente confiados. Explicome. Ha cidades em Portugal que sem estarem tam longe de Castella, como Roma de Cartago, nem as dividir hum mar, senão hum pequeno rio, & a algumas hũa linha Mathematica;tam confiadas estam de si mesmas, que por mais que sam mandadas fortificar, não se fortificam, havendo (a maneira dos Spartanos) que onde estam os peitos de seus Cidadãos não saõ necessarias muralhas. Ha homens em Portugal,que sem terem gastado os annos nas eschólas de Flandes,nem campeado nas fronteiras de Africa,por mais que os mandam ter armas, & exerci-

exercitallas tem por afronta, ou por ociosidade este exercicio; como se fora contra os fòros da nobreza prevenir a defensam da patria, ou pudèram, sem exercitar as armas, entrar naquelle numero ordenado de gente, que por constar de homens exercitados se chama exercito. He boa confiança esta com o inimigo à porta? He muy demaziada, & muy errada confiança. Desconfiar por temor, he covardia; mas desconfiar por cautella, he prudencia. Não quero desconfiança que faça desmayar; desconfiança que faça prevenir, si. E este segundo modo de desconfiar he muy necessario, principalmente aos Portuguezes, cujo demaziado valor os fez algũas vezes tam confiados, que o vieram a sentir mal prevenidos. A moderada desconfiança, não he achaque, se não esmalte da valentia. O valente dizem que hade ser desconfiado. Ao menos hum soldado Francez sey eu, & na milicia de sua profissam soldado de fama, o qual sempre foy valente ao desconfiado; Sam Roque. O que pondero he que deixou Sam Roque hũa vez a patria, & depois se tornou para ella. Que deixasse a patria quem queria seguir a Christo, com seguro dictame obrava; que no remanso perigoso da patria, principalmente os poderosos como Sam Roque, mais occasiam tem de offender, que de servir a Deos. Pois se deixa a patria, & foge della: porque a torna a buscar? Em hũa, & outra resoluçam obrou como desconfiado Roque. A primeira vez fugio da patria, porque desconfiou de sua virtude: a segunda vez tornou para a patria porque desconfiou de sua fugida. Como se fizera este discurso o Santo entre valente, & desconfiado comsigo. Eu se fico na patria, as occasioens sam muytas: se me falta virtude para as resistir, fico vencido. Pois que remedio? não ha outro se não fugir: alto, deixemos a patria. E despois de a ter deixado, como se tornára sobre si: fugir (diz Roque) he covardia: naõ querer vir ás maõs com o inimigo, he pouco valor. Pouco valor em hum

soldado

foldado de Christo? Não ha de ser assi: animo, voltemos outra vez para a patria; & assi o fez. Elias retratado. Foge Elias de Iesabel, que lhe queria tirar a vida, chega ao deserto, & começa a chamar, & desafiar a morte. *Petivit animæ suæ, vt moreretur.* Tudo succedeo no mesmo dia para ser mais achada a repugnancia. Se teme o Propheta a morte, como a chama? E se foge della na cidade, como no deserto a desafia? Sam desconfianças de hum bem entendido valor. Na cidade fugio da morte porque desconfiou de sua fortaleza: no deserto desafiou a morte, porque desconfiou de sua fugida. O meyo em que consiste a fortaleza he entre o temor, & a ouzadia: temeo, & ouzou Elias sempre desconfiado, para em hũa, & outra acçam se mostrar valente. Tam longe està de valente o timido, como o temerario; & se em algũa parte està mais perigosa a conservaçam, he na presunçam de segura. Nem aqui nos faltarà o Evangelho.

3. Reg. 19.

Quer Christo que estejamos em vella, bem assi como o fazem os servos diligentes, que esperam por seu Senhor. *Vt cum venerit, & pulsaverit.* (Aqui reparo) para que quando vier a bater. Bater? Logo fechadas ham de estar as portas. Pois se se fazem tantas diligencias, por pressa, & mais pressa, se ham de estar as roupas na cinta, se ham de estar as tochas nas mãos, & essas ja accesas; porque nam estaram tambem as portas abertas? Porque ensinava Christo a seus discipulos a ser vigilantes, & não bastam para a segura vigilancia olhos abertos com portas abertas: se não olhos abertos com portas fechadas. *Vt cum venerit, & pulsaverit.* Para que quando vierem de fòra achem em que bater primeiro. E se não bastão olhos abertos com portas abertas; que seria portas abertas com olhos fechados? Por semelhante descuydo se perdeo Troya. *Panduntur portæ:* Eis ahi as portas abertas. *Invadunt vrbem somno, vinoque sepultam.* Eis ahi os olhos fechados. O que importa he moderar a

Virgil. Æneid. 2.

a confiança

a confiança com a cautella,& segurar o valor com a vigilancia: vigiar, armar, & fortificar, exercitar, trabalhar, q̃ ainda que se tem trabalhado tanto, a empresa foy muyto grande, & he necessario mais.

VIII.

E O que mais necessario he que tudo (atègora como a Portuguezes, agora como a Christãos) he que as negligencias de dentro naõ desanimem, & descomponhão as diligencias de fòra. Quem me déra neste passo as forças, & o spiritu, que naõ tenho. He possivel que quando estamos recebendo enchentes de beneficios da divina misericordia, naõ façamos senaõ provocar com peccados a divina justiça! que quando devéramos andar humildes, & agradecidos a tantas merces, armemos os favores do Ceo, contra o mesmo Ceo, & façamos guerra a Deos com seus beneficios! que ainda se guarde pouca justiça! que ainda se trate pouca verdade! que agora reynem mais as invejas! que agora estejão mais em seu ponto as ambiçoens! que agora, porque Deos està por nòs, nos ponhamos nós contra elle! he boa confiança esta? Grandes motivos nos tem dado Deos de grande confiança; mas antes nos quer menos confiados de suas misericordias, que pouco attentos a nossas obrigaçoens. *Et vos estote parati* (diz Christo por conclusaõ do Evangelho) *quia qua hora non putatis, filius hominis veniet*. Estay preparados, & prevenidos; porque na hora em que menos o imaginais, vos pediram conta da vida. Muyto he difficultar Christo o remedio em hũa hora, a quem o pòde ter num instante! Se hum instante basta (que tal he a bondade de Deos) para hum arrependimento final, como nos atemoriza o Senhor cõ as brevidades de hũa hora? Parece que he estreitar os limites, & diminuir a opinião gloriosa de sua misericordia infinita. Assi parece; não ha duvida; mas quer Deos antes menos reputada sua misericordia, que demasiadamente confiada nossa esperança. Confiar em Deos of-

fendendoo, he venerar hum attributo com injuria doutro, & presumillo tam misericordioso, que possa ser menos bom, *Absit ut ita aliquis interpretetur*: Deos nos livre de sermos tam maos interpretes de sua bondade (diz Tertuliano) *quasi ex redundantia clementiæ cælestis, libidinem faciat humanæ temeritatis*: que nos sirva de tentação a liberalidade divina, & façamos costas a nossas temeridades com os exemplos continuos de suas misericordias.

Tertul. lib. de Pænit. cap. 7.

Miseria he, & cegueira de entendimentos grande, que nos traga desvanecidos, & descuydados, o que nos devera fazer humildes, & temerosos. Porque Castella se vay precipitando a tam conhecida ruina nos damos nòs por seguros? O miseria! porque Castella se vè em estado, que jà não pode resistir a seus inimigos, nos imaginamos vencedores dos nossos? O cegueira! Alègranos vanmente o q̃ nos devèra confundir, animanos oq̃ nos devèra assombrar, & enchenos de confiança, o que nos devèra encher de temor. Não fallo do temor q̃ faz timidos, senão do temor q̃ faz timoratos; não do temor que faz temerosos dos homẽs, senão do temor q̃ faz tementes a Deos. Pergunto, senhores, porque està Deos irado contra Castella, & a castiga tam rigurosamente? Não ha duvida q̃ por seus peccados, por suas maldades, por suas injustiças, por suas soberbas, por suas incõtinẽcias, &c. boas testemunhas somos, como cõplices hũ tẽpo dos mesmos delictos. Pergũto mais. O Deus de Castella, he o mesmo q̃ o de Portugal, ou outro? Esta pergũta não tẽ reposta. Pois se o Deos he o mesmo; & em Castella castiga peccados; como ha de premiar peccados em Portugal? Se Castella tem a ruina em seus vicios; como avemos nós de ter a segurança nos nossos? Oh que bem apertou a força desta razão o Propheta Nahũ, fallando com a cidade de Tyro. *Num quid melior es Alexandria populorum, quæ habitat in fluminibus, &c.* Por ventura, ò Tyro, sois vòs melhor que a grande cidade de Alexandria, cabeça de tantas Provincias? Por ventura, ó Portugal, sois vós mayor, & mais

Nah. 3

popu-

populoso que Hespanha, todo de quem ereis parte? *Et tamen ipsa abiji in transmigrationem*; & com tudo Alexandria ò Tyro, foy destruida: & com tudo Hespanha, ó Portugal vayse acabando. Pois se a Monarchia famosa das Hespanhas: se aquella, que pouco ha dominava facilmente o mundo, assi a castiga, & aniquila Deus por seus peccados; se lhe não val a Hespanha seu dilatado Imperio, se não se sustenta nos estribos de sua grandeza, se de suas proprias entranhas brotão as labaredas, com que se vay consumindo este Ethna, se tantos exercitos espalhados pello mundo a não defendem, se tantas frotas, & tantos milhoens a não socorrem, se tantas oraçoens (que he mais) se tanto culto divino, se tantas penitencias, & sacrificios não bastão a ter mão no braço irado da divina justiça: se tanto provocão a Deus os peccados de Hespanha; porque não teme Portugal os seus; porque os não teme, & os não chora? Não nos fiemos indiscretamente em milagres, & favores do Ceo: porque em grandes misericordias ensaya Deus grandes castigos: & todo este bem perderemos, se formos ingratos. Com grandes milagres, & prodigios livrou Deus ao povo de Israel do cativeiro de Pharaó, em q̃ estavão, & com tudo, de tantos mil q̃ sahirão do Egypto, porq̃ peccárão despois de tão grande merce, sò dous entrarão na terra de promissaõ. Libertou os Deus por afligidos, & despois castigou-os por ingratos. Fiquenos esta advertencia, Christãos, consideremos bem esta verdade, obremos pellos dictames deste desengano, para q̃ saibamos o q̃ principalmente devem os temer, & sobre q̃ bases podemos fundar segura a firmeza de nossas confianças. Agradar, & servir a Deos, & logo confiar animosamente.

E para que sejão efficazes estes remedios, Roque divino, debaixo de vossa protecçaõ, & favor esperamos os effeitos de sua virtude. Francez, & Portuguez sois glorioso Sancto; & em hum, & outro titulo estão bem fundadas nossas esperanças. Quem melhor nos socorrerá q̃ hum

hum Francez, quando as flõrentes Lizes de França, com
tam hermanada correſpondencia , aſſiſtem ao lado das
Quinas Portuguezas? E quem mais natural Portuguez,
& mais verdadeiro, que aquelle, que naſceo com o ha-
bito de Chriſto ſobre o peito eſquerdo, publicando que
era cavalleiro Francez por geraçaõ, mas Portuguez por
naſcimento? Todo o Reyno de Portugal vos encomen-
do, divino Roque, pois tam duplicadas ſaõ as razoens
com que confia em voſſo favor. Encomendandovos eſta
Cidade que com tanta devaçaõ, & frequencia ſolemni-
za voſſas ſagradas memorias. Encomendovos eſta Caſa,
que tam autorizada eſtá com voſſo patrocinio, & tam ri-
ca, & tam ſanctificada com o theſouro de voſſas precio-
ſas reliquias. Encomendovos ; mas não vos encomendo,
que naõ he neceſſario, a voſſa real, & illuſtriſſima Irman-
dade, em que vos ſerviraõ os Reys, & vos ſerve a melhor
nobreza; & particularmente, como tam particular nella,
vos encomendo, glorioſo Santo, a quem hoje com tam lẽ
brada prevençaõ, & com tam anticipada liberalidade ce-
lebra voſſa feſta auſente. A peſſoa, a cauſa, os beneficios
pedem que tenhais boas auſencias com quem as ſabe ter
tam pontuaes; & ainda que em diſtancia tanta, là chega
tambem a jurdiçaõ milagroſa de voſſos poderes , que a
hoſtilidade de noſſos mal reconhecidos amigos, que ain-
da aly não ceſſa, peſte foy daquelle eſtado, & peſte do
mundo. Deſte mal tam pernicioſo nos ajudai a livrar po-
deroſo Sancto, aquella tam dilatada Provincia, a mais ri-
ca; & mais precioſa joya deſta Coroa; para que ou no deſ
canſo da verdadeira paz, ou na ſuperioridade de victori
oſa guerra, ſe luza a conhecida prudencia, & valor de quẽ
vos ſerve, & governa, & o ſempre, & em toda a parte ef
ficaz patrocinio de voſſa ſagrada interceſſaõ, pella qua
eſperamos tambẽ, mediante a graça, a gloria. *Quã mihi, &*

LAVS DEO.

Taxão eſte Sermaõ em reis em papel. Lisboa 31. de Outubro de 642.
Meneſes *Ribeiro*